

mundo sempre tem um para dizer que era o responsável pela contratação de contêineres, pelo fato dos contêineres estarem de forma irregular, pela interdição do Ninho do Urubu feito pela prefeitura, no qual ele funcionava normalmente como se nada estivesse acontecendo.

Então, a gente percebe que todos são unânimes em dizer o seguinte: "Olha, a culpa não é minha, a culpa é do outro."

Então, eu queria que o senhor explicasse como é que era esse organograma, essa estrutura do Flamengo, quando o senhor esteve lá presente, desde o início Bandeira até a sua saída.

Quem era responsável pelo o quê?

O SR. MARCELO HELMAN - Ahm.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - E o que o senhor acha que foi o causador dessa terrível tragédia?

O SR. MARCELO HELMAN - Tentando lembrar a pergunta desde o início, o senhor disse para falar em um organograma. Então, vamos citar.

Quando eu entrei, o presidente era Eduardo Bandeira de Mello; o vice-presidente era o Maurício Gomes de Mattos; havia um CEO na época, mas esse CEO esteve um mês só durante a minha gestão, logo foi substituído por outro, ele saiu da empresa, assumiu um outro CEO, que também é de seu conhecimento, já esteve presente, que é o Frederico Derzie Luz. E algumas diretorias saíram dessa árvore, porém eram todas diretorias estatutárias. A minha diretoria não era estatutária. Eu fui alçado à posição de diretor - digamos - sem ser eleito pela sociedade, pela sociedade detentora do Flamengo. E se eventualmente... Quero crer que tenha sido, até por um dever de modéstia da minha parte, que tenha sido por mérito. Mas, enfim.

Então, eu, por não ter o regulamento por trás, não ser um diretor corporativo, me reportava a um outro diretor com, embora com a mesma qualificação em termos de nomenclatura, mas de comando, digamos. Não de efetivo trabalho e funções efetivas. Pois não.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Quem era o diretor?

O SR. MARCELO HELMAN - Eu vou citar. Vou citar a seguir.

Esse diretor foi criado... Na verdade, essa figura não existia quando eu entrei no Flamengo. Existia o CEO e depois diretores. Tanto que eu não era diretor nessa ocasião. Eu era gerente de uma parte do Flamengo chamada Fla Gávea. Para os torcedores, aqueles que conhecem e os que não, é toda parte de diversão, de entretenimento, as piscinas, parque aquático. Enfim, sequer... Nem mesmo a atividade olímpica, porque para isso existe uma diretoria dos esportes olímpicos.

Mas, em seguida e depois, em 2014, foi criada, por alegado excesso de trabalho do CEO, uma diretoria chamada "diretoria de meios corporativos". Essa diretoria foi cair, como já se supunha que deveria ser e que seria, com o Paulo Dutra - hoje ausente, seria meu colega de cadeira -, que abrangeu essa diretoria... Abrangia tecnologia da informação - TI, administração - a minha -, patrimônio, ou seja, toda a parte tanto na sede da Lagoa quanto no Ninho do Urubu, quanto Hotel Hilton Santos, hoje inexistente, foi vendido. E qualquer ouro patrimônio efetivamente físico e estrutural do Flamengo tivesse. Também a diretoria de marketing. Não ocasião, era dele também. Quero me lembrar de algo... E a financeira, principalmente. Porque ele era oriundo de finanças. Quando eu entrei, ele era o diretor financeiro exclusivamente. Passou a ser corporativo poucos meses depois. Não tinha passado um ano da minha entrada quando foi criada essa diretoria corporativa de meios.

E essa era a abrangência que entendo que v. exa. me pediu que lhe referendasse ou que lhe referisse. Não sei se lhe faltou responder alguma coisa.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Não, ok. Eu entendi o que cada um teoricamente fazia. Entendi que a diretoria de meios era uma diretoria até bem ampla.

O SR. MARCELO HELMAN - Muito, muito. Excessivamente eu diria até. Havia excesso de trabalho. Mas estavam todas... Todas tinham, exceto TI, um responsável. Daí a figura do diretor não estatutário. Foi quando eu passei a ser diretor exatamente por isso. Ou também por isso. Porque havia necessidade de ter um interlocutor entre a atividade e o gestor-geral, que seria o diretor de meios.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Essa diretoria de meios era a responsável direta pelo Ninho do Urubu, pelas contratações no Ninho do Urubu?

O SR. MARCELO HELMAN - Sim. Na verdade, por ela ser tão abrangente como ela, era uma diretoria responsável por recursos; e qualquer coisa que deva ser feita sempre é necessário ter recurso.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Mas quem solicitava recursos para determinada atividade não era essa diretoria, era outra diretoria?

O SR. MARCELO HELMAN - Não, não. Os integrantes do Ninho do Urubu, como o senhor chama, a cada necessidade nova, veiculava-se a esse diretor corporativo. Paulo Dutra, vamos falar pelo nome, porque senão fica um pouco longo e pomposo. Pedia-se ao Paulo Dutra recurso para fazer e era negado ou concedido de acordo com, acredito eu, a situação financeira do clube, a situação de caixa. Vontade ou não, concordância ou não em se fazer determina coisa.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Mas, vamos lá. Existia uma determinada necessidade no Ninho do Urubu e essa diretoria de meios era a diretoria que provia os recursos, não é? Onde entra a figura do Wrobel nessa questão do CT? E onde anda a figura dos CEOs nessa mesma questão do CT? Nessas necessidades. Porque, só para poder talvez ser mais claro, a gente está tentando entender quem eram os responsáveis pela demanda, quem avaliava essas demandas, quem aprovava as demandas e quem pagava as demandas. É basicamente isso.

O SR. MARCELO HELMAN - Perfeito. Ótima pergunta. A demanda é oriunda, por exemplo, do futebol. Correto? O futebol que é a razão de ser do Flamengo, praticamente. Então, precisava-se de algo, ela era canalizada a quem estivesse nesse momento como responsável do Centro de Treinamento do Ninho do Urubu. Era veiculada, então, ao diretor de meios, ao Paulo Dutra. Teoricamente - e friso -, o Paulo Dutra discutia esse assunto com o CEO; porque hierarquicamente era seu superior. E ambos, ou não, decidiam em conjunto, ou não, a liberação, ou não, dos recursos que haviam sido pedidos. Por exemplo, contratação de uma nova grama para um campo de nº 4, porque ela estava deteriorada, etc. Isso era veiculado como? O futebol pedia eventualmente a mim, se eu estivesse presente fisicamente, ou ao gerente, que é o Luiz Humberto, que aqui se encontra, que era meu imediato, digamos assim. Nós veiculávamos isso sempre - por escrito. Essa é uma norma que - eu diria - pela qual eu fui muito criticado de início e no final; e até se prova haver sido importante. Tudo que eu determino é feito por escrito. Nada é feito de forma verbal. Independentemente do que eu possa falar com ele por telefone, é seguido de um e-mail. Isso tudo o Flamengo tem, queira Deus que tenha, nos seus arquivos. Tudo. E serão acostados aos autos no momento em que assim for necessário.

Então, se canalizava essa solicitação. "Temos que comprar um campo novo de futebol." Então, temos que fazer contato com a empresa, já contratada, um contrato de longo prazo, para que venha fazer. A empresa fazia a cotação. Feita a cotação, apresentava a cotação a nós, solicitantes. Nós a veiculávamos ao diretor de meios, que nesse caso é patrimônio, porque um campo de futebol é um patrimônio, correto?

Então, nesse momento... Não era TI. Eventualmente não era RH. Nesse momento eu era um financeiro/patrimônio. Então, solicitava-se a ele que autorizasse ou não. Quando se achava que havia sendo bem conduzida a negociação, anuia ou não. Protelava se achasse que isso era passível de ser protelado. Havia uma reunião com os fornecedores, com o futebol, na qual eu estava presente, mas ele estava presente conduzindo a reunião. E dizendo se "estou de acordo", "não, não temos dinheiro agora", "vamos esperar receber", "vamos esperar ganhar a Copa do Mundo", etc. e tal. Para ter dinheiro para poder fazer.

Não sei se ficou algo por responder a sua... Ah, sim. A participação do CEO. É como eu disse, excelência, o CEO é uma figura normalmente atuante em todos os campos, teoricamente é uma pessoa que entende de tudo. Mas o envolvimento dela com cada coisa é imensurável. Por que imensurável? Não porque não se possa medir,

sendo que eu não posso medir. Porque o meu acesso a eles está restrito por uma questão de hierarquia. Importante citar que eu tenho formação militar. Digo isso só para poder entender a hierarquia como um pouco mais arraigada em mim que em outras pessoas.

Feito isso, decidia-se o que fazer. É mister também citar que, quando eu entrei no Flamengo e tive então um vice-presidente da administração, que está aqui presente, que é o dr. Rafael Strauch, nós, quando tínhamos o Ninho do Urubu, não tínhamos ainda nenhum projeto de construção. Eram umas pedras, era aquilo que havia ficado de gestões anteriores. Não havia alojamento, não havia nada. O sr. Rafael Strauch, por exemplo, provavelmente e chegando o momento, irá dizer que desconhece muitas dessas coisas que eu estou dizendo. E é fato, é fato. Não havia envolvimento dele nisso, porque não havia nada ainda que demandasse nada, porque nós estamos falando de um terreno imenso - você pode me dizer até quando mede, que eu acho que você sabe. 160.000m². Havia 160.000m² sem construção nenhuma, apenas campos de futebol e alguns contêineres de metal para servirem de escritório, de salas de trabalho.

Eu ia ao Ninho do Urubu duas vezes por semana, terças e quintas; e tinha uma sala num contêiner no segundo andar. E daí despachava. Não existia então módulo 1, módulo 2, tudo isso que veio a posteriori. Depois, quando o diretor de meios obteve anuência do conselho diretor - deve ser também, não conheço com profundidade - mas é possível que tenha tido que ser aprovado também pelo conselho deliberativo do clube. Decidiu-se por construir e obteve-se o recurso para construir. E aí se começou a construir o módulo 1, que hoje é o módulo, para que se possa entender melhor, a gente chama de hotel. Mas ficou "hotel", porque é um hotel. Na verdade, é um hotel. Usa-se dizer "módulo 1", "módulo 2". Na verdade, é hotel 1 e hotel 2. Começou-se a construir e aí levou-se o escrete principal, o time principal do Flamengo, os profissionais, a habitarem ali com o segundo andar, com quartos de hotel. Enfim, com tudo que é necessário para serem bem tratados como são os profissionais que nós todos sabemos.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Só para finalizar as minhas perguntas, vou passar para o deputado Jorge Felipe Neto. Ao que o senhor acha que se deve o indiciamento da Polícia Civil - a polícia judiciária -, que indicia o presidente da gestão anterior, Eduardo Bandeira de Mello; e depois tem um hiato em toda a estrutura do Flamengo, diretorias, sejam elas estatutárias ou não, gerências e tudo mais, e indicia, passa por esse hiato, e volta a indiciar os dois engenheiros, um engenheiro até júnior e o outro um pouco mais experiente, e o técnico de refrigeração ali, de ar condicionado. O que, na sua avaliação, mesmo a avaliação leiga e não jurídica, conhecendo o Flamengo, ao que o senhor acha que se devem esses indiciamentos e o porquê de não ter ninguém, no organograma, dessa estrutura aí de meios, que são diretores, gerentes.

O SR. MARCELO HELMAN - Excelência, eu desconheço o depoimento de cada um dos que foram chamados a depor, porém, eu tenho de memória, não só aqui em cópia física, que posso disponibilizar para v. exa. e para quem mais quiser uma cópia, eu tenho e retifico - e ratifico, perdão, o inteiro teor do eu aqui disse. E a sua pergunta, para que eu possa lhe responder, em meu caso, fica prejudicada, porque eu, sim, cito as pessoas que demandavam, que autorizavam. Eu cito Paulo Dutra, eu cito o diretor de futebol. Ou seja, meu depoimento tentou ser o mais fidedigno possível. Não há ali tentativa de colocar um mecânico da refrigeração como culpado.

Que o caso é fortuito? É. Que foi uma fatalidade? Foi. Poderia ter sido previsto? Não sei. É bastante subjetivo se podia ou não podia. Porque um curto-circuito no ar condicionado - se é que efetivamente foi assim, acho que a perícia indicou que foi assim - é algo que pode acontecer. Não há - diria eu ao senhor - eu seria leviano se eu, em algum momento, dissesse: "Fulano não foi ver o que tinha que ter visto." Talvez até fosse função de indicar alguém para ir ver. Mas não me consta como sendo uma das atividades obrigatórias de ver. Agora, possivelmente - possivelmente -, por ser o futebol o principal ator de toda a questão Flamengo, de alguma maneira, se omite... "Omitir" é um pouco forte. Juridicamente falando, omitir é mais grave. Digamos, procura-se não mencionar que o futebol era o maior demandante de tudo. Inclusive das unidades que foram objeto do sinistro. Isso não se colocou por acaso, não passou um louco lá e decidiu: "Vamos colocar, o que você acha?" "Vamos colocar aqui, eu acho ótimo." Não teve isso. Obedeceu-se a um plano de patrimônio rigoroso, tanto é que isso não era feito de um dia para o outro não. Era feita uma encomenda sob medida, com tal e tal separação, com tal e tal sobreteto, com isso, com aquilo. E os próprios membros. Membros funcionários, engenheiros e arquitetos, funcionários desta diretoria de patrimônio, sob o coturno do Paulo Dutra, mas sob a botina do Alexandre Wrobel, vice-presidente de patrimônio durante várias gestões, não foi só essa. Assim se cursava.

Então, via-se... Provavelmente - e aí vamos ao "achômetro" de novo -, eu imagino que Wrobel conversasse com Paulo Dutra e ambos decidissem "vamos fazer aqui". Pode ser que seja assim, pode ser que seja uma loucura do Dutra, uma loucura do Wrobel. Pode ser. Mas eu acredito que não. E quero crer que tudo isso era conversado, discutido, medido, sopesado, saber se isso poderia ou não implicar algum risco, para depois ser executado.

Então, a sua pergunta de me dizer, perdão, de me indagar a quem eu atribui que possa ter sido o acidente, confesso que não encontro, não encontro, em todo esse tempo, uma falha que possa ser considerada humana. Confesso que não. E isso eu quero que, se há algum pai presente de alguma das vítimas fatais ou não, resultante desse sinistro, não me mal interpretem. Eu não estou dizendo: "Olha, ninguém teve culpa. É assim mesmo." Absolutamente não. Eu só digo que foi, sim, uma... Afirmando categoricamente que isso foi má sorte. Agora, isso nos leva a dizer: e por que os colocou lá? Eu até acredito que, quando se colocaram os alojamentos na posição de ar na modelagem que foi desenhada, propositalmente, encomendada para a empresa com custos extras e tudo isso, em nenhum momento se fez pensando... Ninguém pensou: "E se colocar um ar aqui e ele pegar fogo?" Porque a gente não pode a toda hora em casa colocar o carregador do celular porque ele pode explodir. É sabido que explode. Periodicamente, há casos como esse. Então, quero dizer assim: não estou eximindo ninguém. Só estou dizendo: pode até se dar o benefício da dúvida de que ninguém tenha pensado nisso antes. Muito menos ainda, como consta de alguma perícia, saber que nas paredes dos contêineres, no seu interior, tinha polipropileno, acho que é o produto, não saberia dizer, que propaga a chama de uma maneira voraz. Realmente, surpreende-me profundamente que quem constrói não pense nisso. Quem sabe até fosse mais uma questão de quem constrói pensar: "Ué, se você vai colocar um ar aqui pode dar problema." Mas, enfim, eu só volto a repetir, é um pouco subjetivo, porque é uma opinião minha. Agora o que se...

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - É, não sei...

O SR. MARCELO HELMAN - Perdão, sr. presidente.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Pois não, pode concluir.

O SR. MARCELO HELMAN - Porque se acho que se procura, e aí quicá vamos entender o porquê eu estar afastado, talvez, não sei, pode ser que eu seja tão incompetente que o clube não me queira mais, ou não tenha me querido mais por incompetência. Quem sabe? Pode ser perfeitamente. Admito que possa ser. Mas eu acho que o meu depoimento não foi bem acolhido. Porque o meu depoimento cita, sim, os atores. Cita quem pediu o que, como eu agi em determinada solicitação que me foi feita; como eu deneguei certas coisas e como elas foram executadas de qualquer maneira. Então, pode ser que isso seja... Porque, casualmente, logo depois de chegar o termo de declaração, eu fui convidado a ficar em casa ganhando o salário. E quero reiterar que, aliás, a proposta foi muito boa. Eu descansei ganhando dinheiro. Coisa que pouca gente pode fazer hoje em dia num Brasil combatido como o nosso. Mas eu tive essa sorte. Durou pouco. Até terminar como terminou.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Quero anunciar a presença do deputado federal Wladimir Garotinho. Bem-vindo a esta Casa. Também, por favor, a Casa é sua.

Bom, da minha parte, eu acho que já não tenho mais nenhuma questão. Se o senhor puder depois só passar à secretaria desta comissão o depoimento à Polícia Civil, para nós podermos depois avaliar melhor e dar prosseguimento.

Passo a palavra para o deputado Jorge Felipe Neto.
O SR. JORGE FELIPPE NETO - Boa-tarde a todos. Dr. Hel-

man...

O SR. MARCELO HELMAN - Pois não, deputado.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Eu vou pedir que o senhor seja o mais objetivo possível para que consigamos...

O SR. MARCELO HELMAN - Sim, sr. deputado.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - ...a extração de informação útil, rápida. Porque já estamos no adiantar da hora, enfim.

O SR. MARCELO HELMAN - Verdade.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Nós tivemos um problema de ordem "erótica".

O senhor, no seu depoimento, talvez tenha sido o mais esclarecedor de todos. Enquanto muitos perderam tempo indo a depoimento defensivo, "não, não fazia isso, não me responsabilizava", o senhor fez uma descrição muito apropriada do que aconteceu ali, embora eu tenha ainda algumas dúvidas.

O CEO da época...

O SR. MARCELO HELMAN - Do evento?

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Da construção do alojamento.

O SR. MARCELO HELMAN - Ah, sim.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Era o Fred Luz. E ele falou

que a gestão era matricial. Que existiria uma matriz, giraria em torno dos diretores, e esses diretores formam uma matriz em torno do CEO. Eu não acho que era matricial. Eu acho que era meio bagunçada mesmo e que era um empoderamento individual de quem se gostasse ou de quem não se gostasse. E o seu depoimento condiz com isso. À época eu não tinha os autos do inquérito policial, hoje eu tenho. Então, eu fico muito feliz de ter essa minha suspeita confirmada.

E aí eu quero lhe fazer uma pergunta. Como não existia uma atribuição pré-definida das coisas, existia talvez uma norma orientadora, mas, na prática, quem dizia "oh, você vai fazer isso, você vai fazer aquilo" era o diretor da época e o CEO da época. Certo?

O SR. MARCELO HELMAN - Mas diria ao doutor, porque não leio, daqui se diz "deputado", desculpe se é deputado, não enxergo daqui.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Deputado estadual.

O SR. MARCELO HELMAN - Ah, desculpe, deputado. Eu lia "doutor" daqui. Quando se chega a essa idade se enxerga menos, então, já é um problema.

Para responder. Não, existiam, sim, funções definidas no Flamengo. O Flamengo é muito organizado neste aspecto. Sim, existem. Existem.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Então, por exemplo...

O SR. MARCELO HELMAN - Há algumas, diria, ou havia algumas incongruências, de repente. Alguma multiplicidade de informações. Perdão, de habilidade. Dois departamentos fazendo a mesma coisa. Isso acontecia.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Eu vou lhe dar um exemplo aqui claro de onde eu quero chegar. O Flamengo colocou um *outdoor* irregular. Esse *outdoor* foi multado. Quem recebia essa notificação, esse auto de infração?

O SR. MARCELO HELMAN - O caminho normal, quando é pessoa jurídica, como é o caso do Flamengo, a entrada é feita pela secretaria, o portador levará à secretaria, que irá distribuir, em se tratando de algo pecuniário, certamente ao departamento financeiro. Caberá ao departamento financeiro. E, hoje, temos um representante aqui. Caberá ao financeiro encaminhá-lo. Seguramente, assim faz, ainda mais conhecendo o diretor, como eu conheço. Ele vai encaminhar a quem é o responsável por: a) ter colocado; b) por que da ilegalidade, da má colocação; c) se vai pagar o centro de custos do seu departamento. Como os *outdoors*, a que v. exa. se referiu, são normalmente responsabilidade de propaganda, portanto, calculo que se trate de marketing, certamente irá parar na mão do financeiro, que vai questionar do que se trata isso, "ah, não, eu fiz, mas eu não sabia". Vai dizer, "não, então, vai sair do seu centro de custo". O financeiro vai executar o pagamento, sem dúvida. Mas vai debitar de um centro de custo, porque existe para cada departamento lá.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - E na hipótese, na hipótese ou, aliás, no fato de trinta e dois autos de interdição, quem teria recebido isso?

O SR. MARCELO HELMAN - Isso, seguramente, foi recebido na sede do Flamengo e encaminhado, então, para o diretor de meios. Por quê? Porque as interdições, assim como as autorizações, os alvarás de funcionamento etc., são todas patrimoniais. Elas são parte integrante do departamento de obras e de patrimônio. Porque para que eu construa algo como patrimônio, necessito eu mesmo gerenciar, como patrimônio, as autorizações para proceder. Não seria cabível, para dizer algo, que o departamento de recursos humanos fizesse uma obra e fosse o departamento de recursos humanos a requisitar as autorizações dos bombeiros para funcionamento etc. Isso estava todo centralizado no departamento de patrimônio. Absolutamente tudo.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Está bem. Na época era o Wrobel?

O SR. MARCELO HELMAN - Era o Wrobel. O Wrobel como vice-presidente. Porque precisa ser entendido, talvez eu tenha sido prolixo demais.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Ah, não. Eu entendi. Quem era o diretor de patrimônio?

O SR. MARCELO HELMAN - O Paulo Dutra. Diretor de patrimônio.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Não, ele era diretor de meios...

O SR. MARCELO HELMAN - Sim, de meios. Mas, como expliquei no início...

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Embaixo dele tinha um de patrimônio.

O SR. MARCELO HELMAN - Não, não. Não. O diretor de meios corporativos abrangia...

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Administração, finanças, comunicação...

O SR. MARCELO HELMAN - Recursos humanos, TI, administração, marketing e patrimônio. Sendo que, em alguns, havia diretores. Como, por exemplo, eu.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - E qual era a cadeia do patrimônio?

O SR. MARCELO HELMAN - A cadeia de patrimônio era de Paulo Dutra para os engenheiros. Para dois engenheiros e dois arquitetos, sendo uma feminina.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Então, imediatamente abaixo do Paulo Dutra vinha o Marcelo Sá?

O SR. MARCELO HELMAN - Exatamente. Como chefe dos outros três.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Quem eram os outros três? O Pondé, que era o mais novo, que foi o responsável técnico...

O SR. MARCELO HELMAN - Pondé, Melissa Paim, que saiu no meio da obra, foi embora do clube, e um outro que teve uma passagem antiga, acho que esteve quinze anos, saiu alguma coisa como dois anos antes de terminar a obra, que era o arquiteto Wagner... Não vou saber dizer a v. exa. o sobrenome dele.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Nós acharemos, não tem problema. Esses autos de interdição, o fluxograma, então, seria... Jesus recebeu na sede, não importa.

O SR. MARCELO HELMAN - Sim, sim.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - O Jesus recebeu. Jesus mandou par ao CT, isso iria da secretaria sem passar pelo CEO ou passando pelo CEO?

O SR. MARCELO HELMAN - Não, eu até acredito, excelência, que não fosse esse o caminho, não. Eu acredito que fossem recebidos, como são autos, os autos são acompanhados do oficial de justiça, normalmente não vêm por correspondência, acredito que, quando o oficial de justiça se apresentasse, seria recebido pelo departamento jurídico, isto já é uma suposição, faço questão de frisar. Imagino eu que seja pelo departamento jurídico, que, por sua vez, deveria encaminhar a quem de direito, a quem toma as decisões no clu-